



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

Depoimento do Ex.^{mo} Sr. Major Fernando Moreira de Sá

à cerca da cura repentina, realizada na Fátima no dia 13 de Maio de 1940, dum doença gravíssima, a favor da Ex.^{ma} Sr.^a D. Dulce Magalhães Moreira de Sá, cura atribuída a

O mês das ALMAS

Felizes daqueles que morrem na graça do Senhor; daqueles cuja agonia foi suavizada pelo carinho e entranhado afecto de corações devotados de parentes e amigos; daqueles cuja consciência foi aliviada pela absolvição sacramental, pelas palavras de alento e de esperança do ministro do Senhor e pela visita consoladora do Divino Amigo, do Divino Companheiro na última viagem.

Mas a par destes, quantos infelizes morrem, talvez paredes meias conosco, envolvidos na sua cegueira, privados da graça dos Sacramentos, fora do grémio da Santa Igreja, quem sabe se por culpa da nossa negligência, da nossa grande falta de caridade para com as almas que N. Senhor tanto ama.

Poderemos nós, impunemente, desinteressar-nos da sorte dessas pobres almas, nossas irmãs? Não faltamos nós assim ao preceito do Senhor: «Amai-vos uns aos outros»?

O egoísmo espiritual é mais criminoso e repugnante ainda que o material. Queiramos pois para os outros a mesma abundância de graças que a nossa alma imerecidamente tem recebido. Peçamo-lo ao Senhor e não nos poupemos a esforços para que à nossa volta nenhum dos nossos irmãos deixe este mundo sem se ter reconciliado com Ele, sem ter recebido os confortos maternais da Santa Igreja.

Nada temos que fazer nesse campo? Fica-nos o campo vasto e imenso da oração pelos moribundos e pelas almas do Purgatório.

Vitimadas por doenças, desastres e pelas guerras, são nos milhares as pessoas que a cada momento transpõem para sempre os umbrais da eternidade — Para uma eterna felicidade?

— Para uma eterna condenação?
— Deus o sabe.

A nós cumpre-nos o dever instantâneo de orarmos muito para que os pecadores se convertam e aceitem as riquezas infinitas da misericórdia do Senhor que até ao último momento Ele lhes oferece. E não devemos rezar só pelos conhecidos, amigos e parentes, mas por todos porque por todos Jesus se fez Homem e derramou todo o Seu sangue. Alarguemos o nosso coração e enchamo-lo dum caridade imensa, irradiante, transformadora. Lembremo-nos de todas as almas órfãs de afectos e de orações que só da Santa Igreja e das almas generosas esperam sufrágios que as aliviam e abreviam o termo do seu penar.

Neste mês que a Santa Igreja destina dum maneira especial aos sufrágios pelos fiéis defuntos, intensifiquemos as nossas orações pelos moribundos e pelas almas do Purgatório, especialmente as mais abandonadas.

MOSS

Aos vinte e sete dias do mês de agosto do ano de mil novecentos e quarenta e um, na Sala do Tribunal Eclesiástico da Diocese do Porto, perante o Ex.^{mo} Oficial, Reverendo Cônego Doutor Manuel Pereira Lopes, com autorização especial do Ex.^{mo} Prelado, estando presente eu, Padre Manuel Maia Mendes Paz, notário, compareceu o Excelentíssimo Senhor Major Fernando Moreira de Sá, para o efeito de dar o seu depoimento à cerca da cura dum gravíssima doença que sofreu sua esposa Dona Dulce Magalhães Moreira de Sá, cura que atribui à intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

Depois do Ex.^{mo} Juiz Delegado ter exposto a santidade do juramento, o Ex.^{mo} Senhor, pondo a mão sobre os Evangelhos, jurou dizer a verdade, e só a verdade sobre este assunto e em seguida disse: — Chamo-me Fernando Moreira de Sá, sou filho de Bernardo Valentim Moreira de Sá e de Dona Felicidade Molari-

Nossa Senhora da Fátima

nho Moreira de Sá, tenho cinquenta e cinco anos de idade, professo a religião cristã e católica, sou major de engenharia do exército e residente na rua das Valas, freguesia de Cedofeita, desta cidade do Porto, onde residio com minha mulher Dulce Magalhães Moreira de Sá.

Logo que casámos tive conhecimento que minha mulher sofria de dores de ouvidos, optes mal tratadas, tendo perdido a audição do lado esquerdo. Consultou vários médicos que aconselharam tratamentos diversos, mas as crises repetiam-se de tempos a tempos. Em mil novecentos e trinta e dois, intensificaram-se as dores e um clínico, parece-me que foi o Doutor Jaime de Magalhães, que me disse haver manifestações de mastoi-

dite, indicando que seria oportuna a operação.

Como porém o médico assistente, Doutor Rocha Pereira, professor da Faculdade de Medicina, entendesse que o estado geral de minha mulher não se compadecia com uma operação imediata, foi-se adiando esta para mais tarde, consultando-se então vários especialistas. Como houvesse divergência entre estes acompanhei minha mulher a Lisboa para consultar o Doutor Alberto Mendonça que era reputado o mais abalizado especialista neste assunto.

Depois de várias observações e exames, este considerado clínico foi de parecer que devia fazer-se a operação, mas com certos cuidados. Fêz-se assim uma radiografia pelo Dr. Roberto de

Carvalho a qual confirmou haver na realidade um processo mastoide.

Para fazer a operação entrou na clínica do Dr. Alberto Gonçalves, desta cidade, realizando-se a operação a sete de outubro de mil novecentos e trinta e cinco, sendo operador o Dr. Moreira de Sousa.

A operação parece que correu normalmente, contando-se que a convalescença começasse passados os dias que geralmente são necessários nestes dias, digo, casos.

Ao fim de cerca de dez dias, o médico esperava que ela pudesse levantar a cabeça o que se não pôde conseguir de modo algum por causa das dores e vertigens intensíssimas. Esperava-se que, passado mais algum tempo de repouso, isto se viesse a conseguir.

Durante um mês, apesar de não falar e de estar em obscuridade por não poder suportar a luz, de estar com gelo e sujeita a outras aplicações o seu estado não melhorou e teve de continuar no leito, mais bastante tempo, sem que as dores e vertigens passassem ou chegasse a sentir o melhor, digo, menor alívio.

Então não encontrando o desejado alívio, lembrei-me de ir a Lisboa convidar o Dr. Alberto Mendonça a vir examinar a doente que já tinha visto anos antes. Realizou-se então a conferência, estando presentes: ele, o Dr. Rocha Pereira e o operador.

Na conferência foi resolvido que se fizessem várias análises metódicas a ver se se podia localizar a possível lesão interior. Para isto, foi feito um exame à vista pelo Dr. Castro Silva, um exame neurológico pelo Dr. Gomes de Araújo, análise ematológica, pelo Dr. Alberto de Aguiar e uma poluição do líquido raquidiano pelo Dr. Rocha Pereira.

Houve mais tarde uma segunda conferência com os mesmos médicos, estando presente também o Dr. Teixeira Lopes, especialista.

Desta conferência a conclusão a que se chegou e que me foi exposta pelos médicos é que na realidade se verificava uma lesão orgânica, sendo indício seguro desta o aumento da albumina do líquido raquidiano.

Como continuasse a persistir a dúvida sobre a localização da lesão resolveu-se proceder a novas análises; foi convidado o Dr. Vitor Ramos para o exame neurológico, o qual foi de parecer que se fizesse um tratamento especial para se averiguar se se tratava ou não de qualquer doença de natureza nervosa; ele mesmo se encarregou de dirigir este tratamento, mas, como a doente chorasse, reuniram-se de novo os médicos em conferência e resolveu-se desistir deste tratamento, devendo proceder-se a novas análises e uma outra poluição do líquido raquidiano.

Observou-se então o aumento

(Continua na 2.ª página)



FÁTIMA — 13 de Maio passado. Raparigas da Juventude Católica Feminina, de todas as Dioceses de Portugal, empunhando a cruz, encaminham-se para o recinto em frente da Escadaria onde se realizou a Via-Sacra.

Como a ACTA APOSTOLICÆ SEDIS O ÓRGÃO OFICIAL DO VATICANO

narra o milagre realizado na Fátima e aprovado para a causa do Beato João de Brito

A primeira cura apresentada diz respeito à Vila de Paredes, pouco afastada da cidade do Porto, e realizou-se no ano de 1937. A Sr.^a D. Maria da Glória Ferreira da Rocha Malheiros fôra atacada dum periviscerite abdominal direita como demonstrara uma radiografia e uma operação.

Já não havia nenhuma esperança de cura. Por isso recebera já os últimos sacramentos.

O pároco que era muito devoto do Beato João de Brito insistiu junto dela e do marido para que fôsem a Fátima e pedissem a Deus a cura por intermédio do Beato João de Brito e para servir para a canonização do mesmo Bemaventurado. Com êsse fim celebrou êle a Santa Missa.

A Sr.^a D. Maria da Glória obedecendo ao Pároco foi transportada para a Fátima com cui-

gado, num automóvel transformado em leito.

Aí obteve uma cura admirável cessando imediatamente todos os sintomas da doença.

Continuou no gozo da saúde. Os médicos são unânimes em afirmar que esta cura, foi operada por Deus fora das leis naturais.

Acta Apostolicæ Sedis

12 de Set. de 1941 — Pag. 403

DEPOÍMENTO

Continuação da 1.ª página

progressivo da albumina, indício da lesão orgânica.

Entretanto a perna esquerda encolheu, fazendo-se vários tratamentos à perna pelos Drs. Carlos Lima e Feiteira os quais não deram resultado. Por indicação do Dr. Alberto Mendonça devia recorrer-se ao Dr. Egas Moniz que costuma fazer-se preceder no exame dos doentes pelo Dr. Almeida Lima, especialista e operador. Este examinou cuidadosamente minha mulher e foi de parecer que se tratava de arancoidite. Em conferência médica foi apresentado este diagnóstico do Dr. Almeida Lima com o seu relatório que não teve contestação. Disseram-me então e o próprio Dr. Almeida Lima me afirmou que ele mesmo não se sentia capaz de fazer a nova operação que talvez fosse indicada e que ela só poderia ser realizada, sem qualquer garantia de êxito, pelo Dr. Karm, em Londres. Como eu insistisse em que me dissessem se minha mulher estava em condições de se submeter a esta operação que estava disposto a tentar, por maiores que fossem as dificuldades, os médicos concordantemente afirmaram que minha mulher não estava em condições de se poder transportar a Londres. Foi preciso desistir deste recurso cujo êxito de forma alguma se podia assegurar.

Terminado o ano após a operação foi minha mulher transportada para casa com as maiores cautelas, ressentindo-se ela muito durante oito dias, deste deslocamento.

Durante três anos seguidos, experimentaram-se todos os medicamentos e tratamentos aconselhados por vários médicos especialistas para ver se podiam aliviar as manifestações dolorosas que ela sofria mas as dores, vertigens, congestões, continuaram sempre, não conseguindo minha mulher levantar, durante esses longos anos, uma vez sequer a cabeça.

A perna continuava atrofiada, minha mulher não podia aplicar-se a coisa nenhuma, tendo necessidade de estar sempre na obscuridade. Juntamente com as dores físicas padecia de grande tormento moral por não poder acompanhar, de perto, a educação de nossa filha.

Contudo neste estado doloroso físico e moral conservou sempre a completa lucidez de espírito.

Como alimentava sempre a esperança de conseguir algum alívio para as manifestações da

doença, preguntei ao Dr. Rocha Pereira se havia alguma coisa mais a tentar e foi de opinião que se fizesse nova poluição a qual deu maior aumento da albumina. Como eu lhe falasse em ouvir o Dr. Elísio de Moura, o mais consagrado neurologista português, ele respondeu que provavelmente a intervenção do Dr. Elísio não daria qualquer resultado apreciável, mas que poderia fazer-se como meio de animar a doente, pelo menos. Fui a Coimbra, expus ao Dr. Elísio de Moura o andamento da doença, apresentei-lhe o resultado das análises e relatórios que tinha, e ele, depois de os examinar cuidadosamente, disse-me que de nada aproveitaria a sua vinda ao Porto para examinar a doente. Como eu, porém, insistisse, ele aceitou em vir observar minha mulher e disse-me depois que a doença era certa e que apenas com alguns dos seus processos de sugestão poderia levantar o ânimo da doente e melhorar o seu estado geral alguma coisa.

O Dr. Rocha Pereira, que se encontrava em Cadelas, foi procurado pelo Dr. Elísio de Moura e escreveu-me dizendo que o Dr. Elísio de Moura lhe dera conta das suas impressões que infelizmente não eram lisongueiras. Concordava com o diagnóstico da lesão orgânica e a gravidade da situação.

Em Outubro de 1939, quatro anos após a operação, no dia 13, liguei o rádio para Fátima, de forma que minha mulher pudesse assistir da cama às cerimónias que ali se realizavam. A seguir manifestou a minha filha e a mim o desejo intenso de se ver em Fátima: por um lado, animava-me ver esta manifestação da vontade, por outro lado, tremia perante a dificuldade de a transportar para lá. Ia-lhe dizendo que era preciso fazer qualquer coisa para se preparar para ir lá, mudando, por exemplo, de cama, ou tentando mesmear para uma cadeira. Porém com estas tentativas ela ficava cada vez pior. Falei ao Dr. Rocha Pereira no desejo de minha mulher e ele ficou preocupado com a dificuldade do transporte, mas disse-me que não se devia diminuir a esperança em que ela estava. Dizia ele que, se se não tratasse dum acto de fé, era viagem que, como médico, proibia formalmente. Tempos depois encontrei-me, no combóio, com o Dr. Elísio de Moura que procurava evitar falar-me na doença de minha mulher. Como, porém, eu lhe tocasse neste assunto, disse-me que estava com receio de me falar nele e com o maior interesse pediu informações sobre o estado da doente. Como lhe referisse o desejo que ela tinha de ir a Fátima disse ele que, não podendo os médicos dar-lhe saúde, não se deveria impedir a sua ida lá, embora fossem enormes as dificuldades do transporte.

Partimos daqui no dia 10 de Maio de 1940, indo minha mulher estendida numa maca dentro da ambulância do Corpo dos Bombeiros Municipais, acompanhada pelo enfermeiro e enfermeira, seguindo eu e minha filha de automóvel. Daqui a Coimbra levou-nos oito horas e um quarto, com todas as paragens que foi preciso fazer. Ficou no Hospital da Universidade, sendo

preciso levá-la na maca e puxá-la para a cama.

Não se alimentou. Por acaso viu-a o Dr. Elísio de Moura nessa ocasião e exclamou — «Foi uma imprudência trazê-la assim».

No dia onze, a meio do dia, partiu-se para Fátima com as mesmas precauções, chegando lá à noitinha, indo minha mulher para o Hospital, ocupando a cama, número um.

Esteve prostrada na cama, durante o dia, defendida a vista com óculos pretos e resguardada com um guarda-sol para não sentir o efeito da luz.

No dia treze ela foi para o recinto dos doentes, transportada na mesma maca para poder assistir à Santa Missa. Conservou-se deitada sempre até à ocasião da bênção do SS. Sacramento. Na ocasião em que o Santíssimo passou diante dela, após a bênção, e já a desviar-se um pouco da sua maca, nesse mesmo instante ouvi dizer a minha mulher: quero levantar-me. Nesse mesmo momento vi com assombro minha mulher erguer o tronco e, quando eu instintivamente corria para ampará-la, vejo que ela se põe a pé, rezando fervorosamente, mas em atitude calma e serena.

Houve, como é natural, um grande alvoroço e excitação entre os circunstantes. Ela, porém, manifestou o maior sossego, dizendo que não se inquietassem que ela estava curada.

E, como os servitas, que acorreram, dissessem que era melhor retirar-se para evitar a maior aglomeração que se fazia em volta dela, ela manifestara o desejo de ali ficar para contemplar o regresso de Nossa Senhora à sua capela.

Para fazer a vontade às pessoas que a rodeavam, sentou-se à beira da maca.

Como eu insistisse que era preciso retirar-se, porque depois seria muito difícil conseguir-se passagem por entre a multidão, então ela ocupou uma cadeira de rodas por seu próprio esforço para regressar ao Hospital.

Chegando nessa altura um fotógrafo que queria tirar uma fotografia lembrou que seria melhor tirar os óculos pretos, o que ela fez imediatamente; e, como eu, após o ser tirada a fotografia, quisesse que ela puzesse de novo os óculos, ela respondeu que não era preciso e nunca mais os pôs.

Durante o tempo que estive no Hospital, recebi muitas visitas, entre elas de vários Prelados, falou aos médicos bastante numerosos que ali se encontravam mostrando sempre a maior serenidade sem qualquer excitação ou arrebatamento. Mostrava em tudo a maior naturalidade.

A noitinha, regressamos a casa, dispondo eu que parássemos em Coimbra. Ela veio ao meu lado no automóvel dispensando as almofadas que eu queria colocar, dizendo que não precisava, e olhando, sem esforço, para a paisagem, que encontrava muito interessante.

No dia seguinte, almoçou conosco à noite, digo, à mesa, e viemos para o Porto da mesma maneira no automóvel sentindo-se ela bem disposta.

Em casa, recebeu, nas primeiras semanas, multíssimas pessoas sem cansaço e com a maior boa vontade, recebendo todas as pessoas mesmo as das condições mais humildes. Apenas se notava na perna esquerda um ligeiro enfraquecimento, mas a marcha era perfeitamente normal, como o próprio Dr. Feiteira observou. Durante a doença não podia escrever uma linha e, apenas chegamos a casa, começou a escrever normalmente com letra corrente e firme. E até hoje se tem conservado na melhor disposição sem dores, nem congestões, sem qualquer vestígio da doen-

Palavras mansas

AS IDEIAS

Quem prefere a maioridade no último quartel do século dezanove tem ouvido, vezes sem conto, falar da força formidavelmente expansiva e conquistadora das ideias. Século das luzes — século das ideias que vinham da Enciclopédia com o carimbo de Diderot e Rousseau.

O mundo é das ideias. Diante delas, cedo ou tarde, caem as instituições e as leis, as tradições e os costumes, os tronos e os altares.

Idéias forças! Da liberdade, uma palavra, uma ideia, disse António Cândido que era o maior dissolvente da história. Das outras tem-se dito coisas semelhantes com aquela estilização, aquela ênfase que irritava surdamente o Hamlet da tragédia.

O mundo é das ideias. Há lá nada mais implacavelmente dominador do que o dinamismo das ideias, do que as ideias em marcha! Nem as torrentes que se despenham pelos algares das serranias nem o fogo a lavour, impedido pelo vento, numa floresta virgem...

O mundo é das ideias. Persegui-las o mesmo é que reforçá-las. A experiência está feita. A sua força concentrada nas horas más e difíceis tem depois uma expansão mais poderosa e fulminante.

Os homens vão-se, as ideias ficam. A morte dos portadores de ideias nunca é para elas contagiosa e fatal. Sucede até que, nimbadas pelo martírio, tornam-se logo mais belas e sedutoras...

O mundo é das ideias. Os exemplos superabundam. É só abrir a história.

Foram as ideias que separaram a Inglaterra e a Alemanha de Roma; e foram também as ideias que encaminharam a França para a grande revolução. Levaram a Inglaterra e a Alemanha para a heresia, mas sem conseguirem que elas viessem a ser na convivência o mesmo que são na raça — irmãs. Levaram também a França para a revolução e depois para a derrota, porque a Marselheza chamara às armas gente, que, nas escolas, filhos da revolução, aprendia a desprezá-las.

Como donas dos tempos novos — ricas-donas, singularmente inspirativas, as ideias tiveram os seus panegiristas e também os seus poetas: Proudhon, Renan, Lamennais, Lamartine, Victor Hugo, Oliveira Martins, Antero... De Sebastião Magalhães Lima não é preciso falar, porque este, em testamento, a si próprio se denominou apóstolo... de muitas e desvairadas ideias...

As ideias, as ideias! Este rendimento do espírito, misteriosamente elaborado, abre caminho através de todas as dificuldades, dá em terra com todas as resistências. Há o Himalaia e há a imprensa, como escreveu alguém, mas esta é mais alta do que aquele. É uma ideia!

A melhor revista feminina

É assim que o grande diário católico «Novidades» classifica a revista «Stella», aprovada e abençoada por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo de Leiria e por ele colocada sob a protecção de Nossa Senhora da Fátima. Indispensável às senhoras e meninas cristãs, patriotas e cultas. Preço da assinatura anual para o Continente e Ilhas Adjacentes esc. 26\$00. Pagamento adiantado. Dirigir os pedidos de assinatura à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

ga anterior, ocupando-se na vida da casa e saindo, quer a pé quer de automóvel, sem qualquer incómodo.

E tendo sido lido este depoimento em voz alta por mim notário, o depoente declarou que nada havia a acrescentar, diminuir ou modificar. Em fé do que ele o vai assinar. Fernando Moreira de Sá, Cônego Manuel Pereira Lopes, P.º Manuel Maia Mendes Paz, notário

As ideias têm idade. Envelhecem como o homem, como as pedras, como tudo neste mundo. E, depois da velhice, a morte. Também se vão viajar para o Sol-pósto, como nos disse melancolicamente um poeta...

As da vanguarda, as mais novas, como as da Rússia, pelo que testemunham os seus admiradores, é que fazem das suas por esse mundo em fora. Estão nelas, de pedra e cal, a planificação, a abundância, o trabalho só de mal com as elites, a família — multidão, colectividade — o paraíso dos sem Deus...

As ideias, as ideias, que dentro e fora da Rússia, redobram de força, de irradiação e de prestígio, quando se dão ao luxo de constituir uma certa ideologia!

Havia quem desconfiasse muito do amor de Estaline às ideias. Na entrevista famosa, quando Laval lhe falou da liberdade religiosa, como pedira discretamente à França a Santa Sé, o czar vermelho respondeu logo: — «mas a que vem isso? o Papa não tem exércitos».

Vejam bem. O detentor de ideias, redentoras, para difusão mundial, a preocupar-se com a existência de exércitos!

Conhecem, como eu, Estaline pelas revistas ilustradas. Fisionomia expressa e inexpressiva de regedor sertanejo, marcada por um sorriso, que lembra o inquilino de mal com o dono do prédio...

Mas aquela desconfiança converteu-se em manifesta certeza, quando, há pouco, se viu, por trás das ideias, um arsenal espantoso e formidável de minas, metralhadoras, canhões, tanks e carros de assalto...

Em que ficamos então? As ideias ou as armas?... A propaganda ou a metralha?...

Como certamente já notaram, a ideologia rússia foi pelo mesmo caminho, que não é o das ideias, radio-sa projecção da via láctea...

Em que ficamos então? Foi por outra forma que Jesus venceu o mundo. Amor, lisura, humildade, mansidão, paciência e renúncia. Infinita compaixão pelos sofrimentos da turba. Os apóstolos, que escolheu, foram mártires. Cairam a exorar o perdão de Deus para os seus perseguidores!

E venceu! Os sem-Deus, como não contam com Ele, têm o culto e a superstição das armas. Primeiro as armas e depois então as ideias.

Por onde se vê que nem tudo o que nos tinham dito delas era inteiramente verdadeiro...

Correia Pinto



O ECZEMA QUE NOS ENLOQUECE

Se vós já tendes feito tudo, sem poder curar este Eczema tenaz, ou estas úlceras roedoras, segui o exemplo de milhares de antigos mártires, para os quais o remédio D. D. D. levou a alegria e a felicidade. A fórmula do D. D. D., altamente científica, permite a este líquido fino, antisséptico, emoliente e cicatrizante penetrar nos poros até à raiz de todas as doenças da pele. Sob a pele o microbio é atingido e morto. Desde a primeira aplicação, o prurido desaparece e a comichão cessa. Dentro de poucos dias uma pele nova se forma, sã, lisa e branca.

Auxilia o tratamento empregando diariamente na vossa toilette o célebre sabonete D. D. D.

A venda nas farmácias sortidas. Depósitos: PCERTO — R. Heróis de Chaves, 602 — Telef. 2141. LISBOA — R. dos Sapateiros, 39, 1.º — Telef. 22486.

A Mão Dum Santo



É para os crentes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (remédio das dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lumbago (dores dos rins); neuralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e maus feitos; entorses, torçicolos, cãimbras e fricrias; dores dos pés (que se molestam com o andar) e tantos outros incómodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção.

FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo, não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos iodo-incomodativos e insuportáveis emplastros e aos linimentos que, por muito cáusticos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias

Tubo 8 \$ 50 — Bolião 13 \$ 50

Agentes: José Bento Costa, Lda.

Rua do Arco da Bandeira, 188, L.º LISBOA

LEITE MATERNO

Não ha nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplêndido.

Fresco, 20\$00 Nos boas Farmácias

Graças de N. S. da Fátima O "trambôlho"

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Cura rápida de pneumonia

Maria Henriques dos Santos, casada de Vilas-de-Pedro, freguesia de Campelo, concelho de Figueiró-dos-Vinhos, sofreu em maio de 1941 duma pneumonia, estando grávida de há seis meses. O seu estado chegou a ser desesperado, tudo fazendo prever um desenlace fatal, dum instante para o outro. A doente recebeu os últimos Sacramentos e, quando já não havia humanamente esperanças de que melhorasse, não obstante os cuidados, o zelo e a dedicação do seu distinto médico assistente, sr. Dr. Joaquim José Fernandes, a doente recorreu a Nossa Senhora da Fátima, cheia de confiança e aflição, pois tinha dez filhos todos pequenos, prometendo, se Nossa Senhora se dignasse curá-la, ir a Fátima, dar uma esmola ao Santuário e ser melhor para o futuro. De repente a doente começou a melhorar e passado pouco tempo, estava completamente curada.

Declaro, por minha honra, que é inteiramente verídico, autêntico o facto supra relatado.

Campelo e Secretaria Paroquial, aos 13 de Outubro do ano de 1941.
O Pároco

P. Manuel Luis

Joaquim José Fernandes, médico municipal no concelho de Figueiró dos Vinhos:

Atesto pela minha honra que Maria Henriques dos Santos, casada, doméstica, moradora no lugar de Vilas-de-Pedro, deste concelho sofreu em Maio do ano corrente duma pneumonia, estando grávida de 6 meses. O seu estado chegou a ser desesperado pois, em virtude do seu estado de gravidez as lesões pneumónicas manifestaram-se de forma hiperaguda, chegando a doente a estar em algidez, colapso cardíaco, tudo fazendo prever um desenlace fatal. Assisti à doente durante toda a evolução da sua doença, redobrando de cuidados por se tratar duma forma clinica em que a morte é a terminação habitual destes casos. A doente curou completamente, tendo 3 meses depois o seu parto absolutamente normal e gozando actualmente excelente saúde.

Por verdade e me ser pedido passo o presente que assino.

Figueiró-dos-Vinhos, 12 de Setembro de 1941.

Joaquim José Fernandes

Manuel Ribeiro, de Ovar, havia já 2 anos que sofria de uma violenta dor. Consultou vários clínicos que não atinaram com a origem do mal. Teve de se recolher ao leito. Consultou ainda dois especialistas, um dos quais diagnosticou tratar-se dum grande desvio do cólon ascendente. Um terceiro especialista disse-lhe que se tratava duma ulceração no piloro e duodeno. Começou a vomitar sangue e a sofrer de completa prisão de ventre. Convocada uma conferência médica composta de seis clínicos, estes chegaram à conclusão de que não havia remédio senão ser operado, aliás morreria dentro em pouco; na operação teriam de lhe cortar a parte infectada do intestino. Em face desta declaração recorreu confiadamente a Nossa Senhora da Fátima prometendo uma esmola para as suas obras caso obtivesse a cura. «Hoje, diz, com admiração dos médicos que me trataram sinto-me completamente curado, graças a Nossa Senhora da Fátima.

José de Azevedo Oliveira, dos Arcos, diz: «Na véspera de Natal, ceámos alegremente com toda a família. No fim da cea divertia-me a falar com os meus irmãos e meu pai. Minha

mãe queria mostrar-se também satisfeita, mas não podia. De repente entrou numa grande aflição, ficou muito pálida e dava apenas ais, que nos confrangiam a alma. Eram 11 horas da noite, Julguei que perdia a minha mãe e no meio da minha aflição pedi a Nossa Senhora da Fátima que lhe valesse. Nossa Senhora ouviu tão rapidamente o meu pedido que, no dia seguinte, já minha mãe seguia a sua vida normal.

D. Josefina Manso Preto Pereira de Melo, de Montemor-o-Velho, diz que, tendo tido seu marido Júlio Pereira de Melo gravemente enfermo, com uma pneumonia, na noite de 12 para 13 de Agosto último recorreu a Nossa Senhora dando ao doente colheres de Água do Santuário da Fátima. Nessa mesma noite melhorou e encontra-se completamente bom.

D. Maria Dias da Silva, de Esmeriz, Famalicao, tendo uma filha que sofria da vista desde pouco tempo após o seu nascimento, e havendo consultado vários médicos e especialistas sem resultado nem esperanças, voltou-se para Nossa Senhora da Fátima. Pouco depois de recorrer a Nossa Senhora, a filhinha apareceu curada e decorrido um ano não mais tornou a sofrer dos olhos. Agradece esta graça a Nossa Senhora de Fátima reconhecendo bem que houve a sua intercessão nesta cura.

D. Guilhermina do Rosário, Andréas, Vila Real, sofreu durante muito tempo de terríveis dores na espinal-medula, não podendo sair de casa nem levantar a cabeça. Perdendo as esperanças de melhorar depois de ter esgotado os meios humanos, recorreu confiadamente a Nossa Senhora da Fátima. Começou a sentir notáveis melhoras e, dentro em pouco tempo, viu-se livre daquele sofrimento podendo fazer a sua vida normal.

D. Maria José Martins, Foz do Douro, diz que, tendo-se achado doente seu filho José, chamou o médico que declarou tratar-se de apendicite, devendo o enfermo ser operado após alguns dias em que deveria estar com gelo. Implorou o auxílio de Nossa Senhora da Fátima prometendo levá-lo ao seu Santuário, dar uma esmola e publicar a noticia. Aconteceu então que, decorridos alguns dias, o médico voltou de novo encontrando o doente completamente curado. Agradece reconhecida a Nossa Senhora da Fátima.

António de Sousa Carvalho, de Amarante, diz que foi atingido por um coice duma muar; internou-se no Hospital de Santo António (Pórt), com o maxilar esquerdo fracturado. O seu estado foi declarado gravíssimo pelo médico assistente. E disseram-lhe que mesmo que não houvesse perigo de morte lhe seria impossível recomçar o serviço (guarda). Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe concedesse a cura assim como a reforma caso não pudesse continuar no serviço. Prometeu, caso fosse atendido, oferecer uma imagem de Nossa Senhora para a igreja da sua freguesia, dez escudos mensais para o seu culto e dar publicidade à graça. Nossa Senhora atendeu a sua prece.

Eliseu da Silva Prazeres, Lourinhã, de 14 meses de idade adoeceu repentinamente, sendo complicada a sua doença. Bronquite, infecção intestinal, alguns sintomas de meningite. Todos os esforços eram baldados. A criança chegou a perder a vista por completo. O médico declarou que a criança estava com uma febre tifóide e meningite tuberculosa declaradíssima e que não havia salvação possível. Reuniu-se uma conferência médica testemunhando todos e confirmando o diagnóstico anteriormente feito. Para não haver dúvida fizeram a punção raquidiana. A junta médica declarou que só por milagre a criança se salvaria.

Foi então que seus piedosos pais recorreram a Nossa Senhora da Fátima, fazendo as suas promessas, confiados de que Nossa Senhora os havia de atender. Um tio da criança prometeu

uma missa em honra de S. José. Sucedeu que durante um mês após a conferência médica, o menino, tinha a aparência de morto. Chegaram a ter a mortalha ao pé, sempre a ver quando falecesse. Decorridos mais uns dias, o menino começou a ver, a querer tomar alguma coisa, a ser amamentado lentamente e encontrase quasi completamente curado. Os pais, comovidíssimos, agradecem a Nossa Senhora uma graça tão grande.

João D. Leal Pereira, de Moncorvo, diz: «Em junho de 1935, meu pai teve uma pneumonia, de que lhe resultou um abcesso, na parte superior da perna direita. Foi submetido a uma operação melindrosa e ficou imobilizado inteiramente, levando uma vida de sofrimento.

Um ano depois, sobreveio-lhe novo abcesso no mesmo lugar. Pelo seu médico assistente foi-lhe ordenada a partida imediata para o Pórt a fim de se sujeitar a nova operação. O doente porém, lembrado dos tormentos que tinha passado antes, preferia a morte a deixar-se de novo operar. Nessa altura recebi uma carta de minha mãe, na qual me contava a triste situação de meu pai. No meio da minha dor recorri a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe com muita fé a cura do meu pai; e tanta era a minha esperança que me senti alegre. Decorridos dois dias recebia nova carta que me dizia: «Teu pai foi salvo milagrosamente. Rebutou o abcesso; está livre de perigos.

Foram-se efectivamente acentuando as melhoras, podendo o meu pai retomar a sua vida habitual. Graças à intercessão de Nossa Senhora da Fátima!»

VOZ DA FÁTIMA

Despesas	
Transporte	2.208.919\$71
Franq. Emb. Transporte do n.º 229	4.965\$23
Papel, comp. e impressão do n.º 229	22.017\$31
Na administração	226\$00

Total 2.236.128\$25

Donativos desde 15\$00

D. Maria Celeste de Araújo Abreu, Guimarães, 20\$00; D. Maria Henriqueta Leal Sampalo, Landim, 20\$00; D. Emilia Delgado Torres, Alcoutim, 30\$00; D. Maria da Glória de Sousa, Pico, 15\$00; D. Isabel e D. Maria Nazaré, Paialvo, 32\$40; D. Josefina Pereira de Melo, Montemor-o-Velho, 20\$00; D. Maria Antónia Rodrigues, Bragança, 32\$00; D. Ana Emilia Machado de Serpa, Lisboa, 70\$00; D. Isabel Costa Pereira, Lisboa, 20\$00; D. Maria Conceição Costa, América, 25\$00; D. Maria Isabel da Costa Russo, Algarve, 26\$00; D. Julia da Conceição Braz, Arruda dos Vinhos, 70\$00; D. Ana Patrocínio Reis, Lisboa, 120\$00; José Francisco Sobreira, Carreiros, 20\$00; D. Ana Sousa Piteira, Évora, 20\$00; José Tavares da Mata, Tomar, 20\$00; D. Maria Ribeiro Cardoso, Lisboa, 20\$00; Henrique Alves Mendes, Castelo de Paiva, 20\$00; Francisco Ribeiro, Brasil, 15\$00; P. António Mendes Carneiro, Brasil, 30\$00; D. Alice Barcelos, Braga, 20\$00; Anónimo, de Santarém, 20\$00; Joaquim Gonzaga de Sousa Ribeiro, Pórt, 50\$00; D. Elvira Cândida de Sousa, Lisboa, 20\$00; D. Ermelinda da Luz, América, 20\$; D. Elvira Córte Real, Avanca, 20\$00; D. Joana Costa Branco, Oliveirinha, 15\$00; D. Maria Francisca Lima, Pórt, 50\$00; Luis Lopes Abegão, Tragal, 15\$00.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

TOPÁZIO
A vendo nos ouriveseiros.

— O combóio para o Entroncamento?...

— Linha n.º 4... Não sabe le?...

Efectivamente lá estava tudo explicado e bem claro: cada linha numerada com a indicação das terras principis que esse combóio servia. Mas ele era assim, o pobre Anselmo... Por tudo e por nada se atralhava, nem parecia um rapaz que, havia já três anos — e não se sabe bem por que artes — tinha chegado à 5.ª classe dos liceus onde acabava de chumbar pela terceira vez.

— Sei ler, sim senhor — resmungou para consigo enquanto, auxiliando-se dos cotovelos, se esforçava por abrir passagem entre a multidão para a sua espessa estatura, embora meã, para a maleta e uns embrulhos de encomendas com que sempre o sobrecarregavam à partida para férias.

— Assim você subesse o que era educação! — exclamou já em frente duma carruagem de 3.ª cujo acesso lhe parecia menos impraticável.

Pura ilusão, porém, porque, com tal afluência, havia risco de se ficar em terra e o que seria para espantar era que essa sorte não coubesse ao desgraçado.

— Ora o «cepon»! exclamava alguém ao mesmo tempo que lhe davam mais um empurrão.

E de novo Anselmo desabafava com os seus botões:

— Não é «cepon», mas «trambôlho»... O que vem a dar na mesma.

Era na verdade assim que a própria família o designava desde pequeno.

De repente atravessa-se-lhe na frente uma figura alta, majestosa, de barbas alvejantes e longo casaco negro, acompanhado dum rapaz de modos decididos. A turba comprime Anselmo contra eles e, quando este menos espera, acha-se já dentro do combóio graças ao auxílio do rapaz que acompanha o Missionário e que, inesperadamente, lhe deitou a mão, livrando-o talvez de morrer afogado.

— Muito obrigado... muito obrigado! — gagueja ele olhando alternadamente os que considerava seus salvadores.

Ficaram todos três de pé no corredor porque as carruagens estavam à cunha mas, mesmo assim e apesar do feitiço acanhado e macabúzio do estudante, a conversação entabou-se e manteve-se com a maior das facilidades.

Quando se separaram no Entroncamento, Anselmo que tinha encontrado pela primeira vez na sua vida quem lhe mostrasse um interesse e uma simpatia de que ele próprio se julgava indigno — tão habituado estava a ser amesquinhado por todos — sentia-se inteiramente outro, alegre, grato, bem disposto, quasi indifferente ao que iria succeder em face da terceira «raposa» com que se apresentava em casa.

— Estamos então entendidos: hoje mesmo despeço o moço e já sabe que fica com o serviço d'ele a sua conta — varrer a loja, esfregá-la, fazer os cartões e tudo mais o que for preciso.

O primeiro «entendimento» entre pai e filho fora uma sova mestra que deixara o rapaz derreado. Agora, imponente por detrás do balcão, Anselmo Senior, que tinha já dois filhos doutores, mas ainda aspirava a terceiro, decretava que Anselmo Junior, frustradas as últimas esperanças de ao menos concluir o curso dos liceus, não seria mais tratado como filho mas sim como um reles criado.

Anselmo Junior, de cabeça baixa e sem dizer palavra, dirigiu-se para o interior da modesta loja e ali passou todo o dia a vasculhar, a arrumar, a fazer os mais grosseiros serviços.

Com a variante de ir à estação buscar mercadoria, tirar água do poço para regar o quintalejo e aviar algum freguês na ausência do pai que, contudo, cada vez mais sombrio e impertinente, mal desamparava o balcão, o tempo ia correndo. Havia em casa mais alguém que contribuía para a atmosfera melancólica que nela se respirava: uma rapariga enfeitada que para ali fóra como criada ainda

no tempo da mulher do lojista. Chamava-se Maria Moitinha, era pálida, raquítica e tinha um pé torcido, mas, por morte da patroa, lá ficara a fazer a comida e os demais arranjos domésticos.

No dia seguinte ao da chegada do jovem Anselmo e quando ele gemia prostrado no leito pela fúria paterna, a Maria Moitinha, que o tratou e animou conforme pôde, abriu-lhe a mala e encontrou logo ao de cima uns jornais, estampas e pagelas com orações que o Missionário lhe tinha dado no combóio.

— Crede! O que ele aqui traz!... — murmurou fechando a mala à pressa e enviezando o olhar para a porta da alcova. — Se o patrão vê isto que há-de ser da gente!

Mas daí a nada e como o rapaz dormitasse e tudo estivesse sossegado abriu de novo a mala e pensou:

— Nada! Eu vou mas é levar isto tudo para o meu quarto para ver à minha vontade e assim o menino não corre o risco de apanhar outra tunda... Pobre «Trambôlho»!

Eram ambos pela mesma idade e muitas vezes tinham desabafado as suas mágoas entre si. A rapariga tinha feito o exame de instrução primária na creche que a tinha recolhido enfeitadinha e o seu maior regalo era a leitura a que se entregava às furtadelas nos jornais destinados aos embrulhos da loja. Nessa mesma noite, depois do patrão recolhido e tendo-se certificado de que ele risonava, foi Maria Moitinha a primeira a abordar o caso das Missões, falando ao rapaz na papelada que lhe tirara da mala. E o assunto, de parte a parte, nunca mais se esgotou.

Se os dias, pois, passavam para ambos penosos e monótonos, os serões eram em geral de moldé a compensá-los, a dar-lhes alento e esperança de mais tarde reformarem a sua vida e encaminharem-na para o Céu.

Esse mais tarde foi bem mais cedo do que contavam porque não se tinha acabado ainda o ano quando uma pneumonia dupla vitimava o «Anselmo da Loja».

.....

Sob o ardente sol africano, a branca capelinha da Missão contra o fundo de vegetação exuberante parece mais do que nunca risonha e convidativa. Também o Irmão Anselmo, que surge da banda de trás com um enorme fardo aos ombros, parece esta manhã particularmente radiante. Cada vez mais maciço de corpo apesar das privações, algumas mesmo voluntárias, a sua alma paira sempre lá ro alto tão leve, tão formosa, tão consolada! Que differença do rapazote embeberado, desconfiado de tudo e de todos, tímido e apocado de espírito, de outrora, inútil para si e para o próximo: o «Trambôlho»!

Logo após o falecimento do pai, houvera correspondência cerrada com o Seminário das Missões e assim que se entendera com os irmãos de forma que a parte que lhe coubesse na herança fosse a loja, para a confiar inteiramente à boa Maria Moitinha, entrava no Seminário como auxiliar e dentro em quatro anos estava em Africa.

O Irmão Anselmo poisou o fardo no chão e aguardou uns instantes, olhando-o enternecido. Era mais um dos belos presentes que a sua ex-criada, cujo negócio prosperava a olhos vistos, lhe enviava.

Nisto saem da capela dois Missionários, rodeados dum enxame de pretinhos a quem já tinha sido anunciada uma surpresa. E o Irmão Anselmo, convidado a abrir o fardo, começou a passar às mãos dos sacerdotes para a justa distribuição — conforme as necessidades e o comportamento de cada um — camisas e calções em barda, tudo confeccionado nas horas vagas pela Maria Moitinha que, assim de longe, fraquita e com o seu pé torcido, se sentia feliz, sentindo-se também Missionária...

M. de F.

Este número foi visado pela Censura

A Peregrinação Nacional de Outubro Crónica Financeira

As portas do ano jubilar das aparições, a peregrinação de Outubro parecia dever sentir-se bastante da circunstância de em Portugal inteiro, de norte a sul, se estar fazendo intensa propaganda para que, no próximo ano, as multidões acorram em massa, de todos os pontos do país, à Cova da Iria, a fim de agradecerem à Virgem Santíssima a mensagem maternal de oração e penitência que se dignou trazer em 1917 aos seus filhos da terra de que é a gloriosa e muito amada Padroeira.

Todavia, pode dizer-se com verdade que a afluência de fiéis em 13 do mês próximo findo à estância bendita da Fátima não foi inferior à das peregrinações menos concorridas que se efectuaram no mês de Outubro desde a última aparição.

Uma nota característica e muito consoladora teve a segunda romagem nacional do ano corrente: a piedade e fervor com que os fiéis imploraram da misericórdia divina, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, a paz para o mundo e, especialmente, a preservação da nossa querida Pátria do horrível flagelo da guerra.

As preces e cânticos pela paz predominaram entre as orações e cânticos dos peregrinos à sua chegada ao Santuário, durante a procissão das velas e nas cerimónias da adoração nocturna ao Santíssimo Sacramento.

Era precisamente nesse mês, mês de Outubro, mês do Rosário, que o Chefe Supremo da Cristandade desejava ardentemente e pedia preces especiais pelo restabelecimento da paz no mundo.

Feita num ambiente de profundo recolhimento e com vivo espírito de piedade e de penitência, a magnífica jornada de 13 de Outubro constituiu uma das mais importantes manifestações de fé e devoção para com Jesus Sacramentado e a excelsa Rainha do Céu que se têm realizado no recinto sagrado da Cova da Iria.

Milhares e milhares deromeiros, de todas as classes e de todos os pontos do território nacional, fizeram de bom grado o sacrifício de passar a noite em oração tomando parte activa nas comemorações religiosas officias.

A procissão das velas, precedida da recitação em comum do terço do Rosário, foi, como sempre, tocante em extremo pela sua simplicidade e, ao mesmo tempo, cheia de brilho e encanto extraordinários.

De dia e de noite, centenas de peregrinos, sempre de joelhos, atravessam o recinto do Santuário em direcção à Santa Capela ou dão várias voltas a esta cumprindo edificadamente promessas feitas em horas de aflicção à gloriosa Senhora Aparecida.

Uns, sobretudo mulheres do povo, cuja fé ardente e gratidão para com a Virgem bendita

transparecem nos olhos e no rosto, arrastam-se com dificuldade mas alegremente levando filhos ao colo; outros avançam amparados e ajudados por pessoas de família; outros, finalmente, percorrem sôzinhos longas distâncias segurando compridas velas que depois vão depor aos pés da veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima no altar da capela das aparições.

A cerimónia da adoração eucarística nocturna que se efectuou no Pavilhão dos doentes resultou uma cena impressionante de majestade e beleza incomparáveis. Durante a adoração geral rezou-se novamente o terço e fez as práticas, nos intervalos das dezenas, explicando os mistérios gozados do Rosário, o rev. dr. José Galamba de Oliveira. Depois tiveram a sua hora de adoração algumas das peregrinações presentes pela ordem seguinte:

S. Sebastião da Pedreira e Costa da Caparica (Lisboa), S. João do Campo (Coimbra), Pedroso (Pôrto), Chança (Portalegre), Capela dos Anjos (Pôrto), Filhas de Maria de Portalegre e S. Tiago de Lisboa.

Estas peregrinações tiveram também no dia 13 pela mesma ordem a sua Missa privativa depois da Missa da comunhão geral.

Antes do romper da manhã começou a celebração das Missas, que foram em número aproximado de cem, nos diversos altares do Santuário.

A Missa da comunhão geral que principiou às 6 horas, dezenas de sacerdotes, revestidos de sobrepeliz e estola, distribuíram o Pão dos Anjos a cerca de sete mil pessoas previamente confessadas.

As 11,30 horas, uma hora mais cedo do que de costume, como anunciara a «Voz da Fátima», o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, capelão-director dos Servitas, iniciou de novo a recitação do terço. Terminado este piedoso acto, fez-se a primeira procissão em direcção ao altar exterior da Basilica, no meio de entusiásticas manifestações dos fiéis. O andor de Nossa Senhora era precedido de Irmandades e Confrarias, de organismos da Acção Católica e de outras associações religiosas, formando cada grupo atrás do respectivo estandarte. Seguindo o andor vê-se também, assinalada por uma grande legendã, a peregrinação da «Empresa de Pesca de Nossa Senhora da Fátima», da vila de Espinho.

O imponente cortejo desfilou lento e magestosamente, por entre alas compactas de fiéis, até junto da escadaria monumental do Rosário.

Logo que a veneranda Imagem foi colocada sobre o seu pedestal, ao lado do altar iniciaram-se as preces públicas pela paz ordenadas pelo Senhor Bispo de Leiria, cantando-se a Ladainha de Todos os

Santos e subsequentes fórmulas de oração do Ritual Romano.

Depois subiu ao altar o rev. dr. José Galamba de Oliveira que celebrou a Missa dos doentes. Ao Evangelho, o rev. Manuel da Conceição Baptista, S. J., junto do microfone, fez a homilia que versou sobre a importância da devoção do Rosário, tão recomendada pela Santíssima Virgem aos pastores e por intermédio dos pastorinhos a todos os fiéis. «É preciso, disse o orador, que Portugal faça violência ao Céu, orando fervorosamente pela paz do mundo».

É o celebrante que no fim da Missa dá a bênção eucarística aos doentes. Estes são em número de 227, tendo sido todos previamente inscritos no respectivo livro de registo do Posto de verificações médicas dirigido pelo sr. dr. José Maria Pereira Gens, Delegado de saúde da Batalha. Médicos e Servitas, entre os quais se viam os srs. drs. Costa Sacadura e Gualdim Pais, foram duma dedicação admirável para com os doentes. Todos os enfermos inscritos estavam dispostos em filas ao fundo da escadaria da Basilica e eram defendidos dos ardores do sol por pequenos toldos de linhagem. Alguns, deitados em macas, gemem baixinho. A todos eles anima a doce esperança dum conforto celeste.

Durante a tocante cerimónia, levou a umbela o sr. dr. Francisco Vieira Machado, ilustre Ministro das Colónias, que tinha ido também como peregrino à Fátima fazendo-se acompanhar de sua família e que, durante a Missa dos doentes, ocupou um lugar reservado junto do altar, do lado do Evangelho.

Conduzido o Santíssimo para a capela das confissões, realizou-se a segunda procissão que terminou pela consagração dos peregrinos a Nossa Senhora e pelo canto do «Adeus». O espectáculo não podia ser mais comovente. Milhares de lenços saíam de mãos cheias de flores sobre o andor que era alvo carinhoso dos olhares da multidão. Tornavam a cena ainda mais bela e mais comovente as evoluções dalguns aviões militares que, voando o mais baixo possível, despejavam braços de flores sobre a Imagem e o seu andor.

Assim terminou a peregrinação nacional de Outubro, magnífica jornada de fé e piedade eucarística e mariana, espectáculo altamente consolador de singular beleza espiritual, de dulcíssima unção religiosa e de amor pátrio acrisolado, que ficará inscrito em letras de ouro nos gloriosos anais da Lourdes portuguesa.

Visconde de Montelo

O Sr. Reitor do M., em carta muito amável recheada de informações, veio lembrar-me os transtornos que a febre do minério está causando à Agricultura e à Moral.

Na verdade, com o preço de 360\$00 por que já está sendo pago o volfrâmio, será impossível arranjar jornalheiros para o amanho dos campos e as terras de lavoura ficarão abandonadas ou quasi. Nos tempos difíceis que vão correndo, este perigo, acrescido da praga do contrabando, pode pôr o nosso país em seríssimos embarços no que respeita a alimentação. Por isso repetimos mais uma vez: Cautela, lavradores! Não vendais por preço nenhum aquilo que vos possa fazer falta...

Mas a desordem moral em que o negócio do minério está lançando muitas populações, não é menos de temer. É alarmante o que se está passando, pela falta de senso, má educação e incultura que revela.

Em certa cidade das Beiras, cujas redondezas são muito ricas em minério, sucedeu entrarem numa loja de modas dois rapazes do campo para perguntarem quanto custavam aqueles coiros (e apontaram para uns pijamas muito garridos que estavam no mostrador).

O caixeiro amável explicou-lhes que aquilo eram trajes caseiros que para eles não tinham utilidade.

— O senhor não tem nada com isso, responde um deles; dê cá dois.

O caixeiro pegou nos dois que eles escolheram e ia-os embrulhar para lhes entregar. Mas um dos campônios atalhou com um «não é preciso, vão mesmo na mão» e lá se foram os dois com 100 mil réis a menos na algibeira.

Chegados à rua, meteram-se na primeira porta que se lhes proporcionou, vestiram os pejamias por cima

da roupa que traziam e andaram naquele preparo a passear na cidade, com grande gáudio do rapaz que os seguia em ruídosos chusma.

Outros entraram num restaurante fino e pediram de almoço. O criado trouxe-lhes o primeiro prato que por acaso era bacalhau com batatas, que foi acolhido com frieza por todos os convivas. Quando o criado se dispunha a servi-los, um mais animoso disse-lhe: — Oh! omigo, nós não queremos disso. Traga-nos comidas finas...

Foi o que o criado quis ouvir. Retirou com o belo do bacalhau e foi-lhes buscar quantos rebotalhos havia na casa. Os homens comeram e beberam à grande e quando o criado trouxe a conta, bem salgada e apimentada, todos puxaram por notas de conto e todos queriam pagar por força. O criado pegou na nota que lhe ficava mais à mão e foi-se.

No entretanto a teima continuou, porque todos queriam pagar e como nenhum queria ceder, o mais teimoso diz ao criado que chegava com o troco: — Pois já que não aceitou o meu dinheiro, sirva-nos outra roda!

E os nossos homens comeram segundo almoço para darem ao companheiro ocasião de fazer figura.

Outros (e esta passou-se no Minho) chegaram a um restaurante e pediram para comêgo uma assorda... de pão de ló.

E mais uma vez se mete pelos olhos dentro porque é que há pobres e ricos; porque é que os há-de haver sempre; e porque é que os ricos são poucos e os pobres muitos. Sucederá agora como sucedeu da outra vez: acabada a guerra acaba o negócio e fica tudo mais pobre e mais desavergonhado do que estava.

Pacheco de Amorim

PALAVRAS DE UM MEDICO

(2.ª série)

XV

Plantas medicinais

As práticas da actual medicina popular derivam de conselhos dados por médicos antigos.

O povo ainda usa hoje remédios indicados, há muitos séculos, pelo grande filósofo português Pedro Hispano, que foi o Papa João XXI.

O Tesouro dos Pobres de Pedro Hispano serviu de modelo às obras de divulgação de muitos médicos e farmacêuticos, até ao século XVIII.

Lembrarei o livrinho «Reflexões experimentais», publicado há perto de duzentos anos pelo boticário bracarense Fr. Cristóvão dos Reis, obra que teve larga divulgação, em que aconselhava o uso de dezenas de plantas medicinais.

Em medicina também há modas e hoje os médicos receitam de preferência remédios caríssimos que nos vêem do estrangeiro, desprezando, por vezes, algumas ervinhas dos campos e dos montes, que outrora eram tidas como bons remédios.

No meio da terapêutica disparatada da gente do povo, encontram-se, porém, tratamentos eficazes, que haverá toda a vantagem em manter.

São eficazes e inocentes os chás de tilia e folhas de laranjeira, adocados com mel, para provocar a transpiração nas constipações; o cozimento de barba de milho, de pés de cereja, e raízes de morangueiro dão o melhor resultado para estimu-

lar as funções dos rins, aumentando a diurese; são laxativas as ameixas tomadas em quantidade e provoca efeito contrário o chá de gomos de silva; a linhaça, o cozimento de malvas e de flor de sabugueiro são bons emolientes; o chá de erva cidreira, tomado, à noite, é um bom calmante; o chá de macela é bom para abrir o apetite.

Muito se fala hoje nas vitaminas, indispensáveis à vida com saúde; esses produtos, obtidos artificialmente, estão em grande voga e pagam-se por bom preço.

Pois temo-las à mão, muito mais baratas, num saboroso caldo verde, numa limonada refrescante, numa salada de tomate ou de agridões, ou comendo à sobremesa uma laranja que fosse poupada pelo ciclone.

J. A. Pires de Lima

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA» NO MÊS DE OUTUBRO

Algarve	5.509
Angra	20.235
Aveiro	7.862
Beja	3.357
Braga	77.932
Bragança	12.052
Coimbra	13.984
Évora	4.606
Funchal	13.063
Guarda	18.660
Lamego	11.647
Leiria	14.407
Lisboa	12.218
Portalegre	11.531
Pôrto	52.104
Vila Real	23.617
Viseu	9.688

312.472

Estrangeiro 3.361

Diversos 12.187

328.020

Calendário de N.ª Senhora da Fátima para 1942

Edição de luxo em offset, trabalho primorosamente executado pela Litografia Nacional do Pôrto.

Preço de cada exemplar 1\$00; pelo correio, enviando a importância em estampilhas dentro de carta 1\$80 e à cobrança esc. 2\$50.